Coleção de Areia

Rafael Augusto Andrade Gomes

Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/terrabrasilis/5746>

DOI: 10.4000/terrabrasilis.5746

ISSN: 2316-7793

Editora

Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Referência eletrónica

Rafael Augusto Andrade Gomes, «Coleção de Areia», *Terra Brasilis* [Online], 13 | 2020, posto online no dia 06 novembro 2020, consultado o 05 dezembro 2022. URL: <http://journals.openedition.org/terrabrasilis/5746> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/terrabrasilis.5746>

Este documento foi criado de forma automática no dia 5 dezembro 2022.

All rights reserved

Coleção de Areia

Rafael Augusto Andrade Gomes

- 1 Com o presente número, a revista *Terra Brasilis*, publicação da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica (*Rede Brasilis*), completa duas décadas desde que veio a lume pela primeira vez, em 2000. Depois de uma *Primeira Série* inconstante, publicada entre 2000 e 2007, a revista retornou às atividades com uma *Nova Série* em 2012, apenas em formato digital. Durante esse período de 20 anos, malgrado os intervalos de inatividade, a Revista *Terra Brasilis* divulgou mais de 250 textos em 21 números – os volumes de 2003 e 2007 agrupam cinco números. Eram, em sua maioria, artigos de pesquisa, alguns dos quais se tornaram referências nos campos temáticos contemplados pela *Terra Brasilis*, a saber: história da geografia, geografia histórica, história do pensamento geográfico, história da cartografia e história da geografia escolar.
- 2 Além dos artigos de pesquisa – que, como dissemos, preencheram os números da revista com um amplo leque de assuntos e temas –, a *Terra Brasilis* também contribuiu para a publicação de traduções, documentos cartográficos e textos de referência à pesquisa e pedagogia geográficas até então indisponíveis ou de difícil acesso ao público brasileiro. Embora nem sempre existisse, em especial nos primeiros números da revista, uma distribuição sistemática dos textos em seções editoriais específicas, a *Terra Brasilis* frequentemente reúne artigos em números ou dossiês temáticos organizados por editores convidados. Assim, não surpreende quando o título de um número da *Terra Brasilis* é similar, ou mesmo idêntico, àquele do dossiê temático que o compõe. O leitor familiarizado com esse, digamos, *costume* editorial da revista notará rapidamente que as contribuições apresentadas a seguir, afora alguns poucos textos, não foram planejadas para compor um dossiê temático. Eis o primeiro desafio: qual título atribuir à *Terra Brasilis* 13? Mas, antes de confrontarmos tal desafio, vejamos uma descrição básica do material ora publicado.
- 3 A *Terra Brasilis* 13, intitulada *Coleção de Areia* (e, adiante, explicaremos o porquê dessa denominação), reúne 15 contribuições de origens distintas: 1) submissões em fluxo contínuo (seis textos); 2) trabalhos aprovados no V Encontro Nacional de História do Pensamento Geográfico e III Encontro Nacional de Geografia Histórica (V ENHPG e III

ENGH), que teve lugar na Universidade Federal de Viçosa (UFV), em Minas Gerais, entre os dias 10 e 14 de dezembro de 2018 (quatro textos); 3) submissões ao malsucedido dossiê “Geografia crítica no Brasil: história e implicações no campo disciplinar” (cinco textos), doravante “Geografia Crítica no Brasil”. Sem dúvida, como praticamente qualquer atividade acadêmica [e outras tantas não acadêmicas!] em 2020, o planejamento anual da *Terra Brasilis* foi desmantelado em decorrência das consequências do surto global de COVID-19,¹ doença causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2).² Seria razoável, e, até certo ponto, compreensível, se listássemos todos os inumeráveis obstáculos transpostos para a composição deste número da revista em meio à emergência de saúde pública internacional causada pelo novo coronavírus. No entanto, mais necessário do que redigir uma lista de queixas e prolongar em demasia as lamentações é registrar os agradecimentos do corpo editorial da *Terra Brasilis* aos autores dos textos estampados nesta edição, que aguardaram pacientemente a publicação de suas contribuições.

- 4 Voltemos ao desafio mencionado acima: como nomear a *Terra Brasilis* 13? O escritor italiano Italo Calvino (1923-1985) relatou, em uma crônica publicada nos anos 1970, a visita que fizera a uma “exposição de coleções estranhas (...) em Paris – coleções de chocalhos de vacas, de jogos de tômbola, de tampas de garrafa, de apitos de terracota, de tíquetes ferroviários, de piões, de invólucros de rolos de papel higiênico” (Calvino, 2010: 11). Ora, numa das vitrines da insólita exposição, Calvino vislumbrara a mais misteriosa das coleções, “a que parecia ter mais coisas a dizer, mesmo através do opaco silêncio aprisionado no vidro das ampolas” (Ibid.: 11). Era a vitrine da coleção de areia. Ali, atrás da vitrine, estavam alinhados pequenos frascos de vidro, que deixavam lado a lado pequeníssimas porções de areia extraídas de orlas marítimas, lacustres, fluviais e de desertos do mundo todo por um viajante desconhecido; ao invés de centenas de quilômetros, por exemplo, a distância entre a areia do lago húngaro Balaton e de cascalhos colhidos nas margens do Mar Cáspio não ultrapassava os poucos centímetros que separavam os dois pequenos frascos com areia.
- 5 O que pode nos revelar tal coleção? “Uma descrição do mundo? Um diário secreto do colecionador?”, pergunta-nos Calvino (2010: 12). Sobre o mundo, é plenamente plausível a ideia de que a coleção de areia “registra um resíduo de longas erosões” (Ibid.: 12); mas, “como toda coleção”, completa Calvino (2010: 12), “a coleção de areia é um diário: diário de viagens, claro, mas também diário de sentimentos, de estados de ânimo”. Note-se, em outras palavras, que, ao inclinar-se para recolher as porções de areia de sua coleção, o colecionador aproxima o ato de colecionar ao exercício de registrar um diário. Afinal, ambos, colecionar e manter um diário, advêm da “necessidade de transformar o escorrer da própria existência numa série de objetos salvos da dispersão, ou numa série de linhas escritas, cristalizadas fora do fluxo contínuo da dispersão” (Calvino, 2010: 13). A coleção, portanto, é tanto um registro ordenado do mundo quanto um registro parcial da existência do próprio colecionador.
- 6 Seja como for, o que importa ao ato de *coleccionar* – qualquer seja o tipo de coleção – é que, “desligado de todas as suas funções primitivas, a fim de travar a relação mais íntima que se pode imaginar com aquilo que lhe é semelhante” (Benjamin, 2009: 239), o objeto recolhido esteja circunscrito a um novo quadro de relações: a coleção. Segundo Benjamin (2009: 245), assim como Calvino (2010), o ato de colecionar é uma “luta contra a dispersão”; é o motivo de todo colecionador, então, ordenar o caos da dispersão original na qual todas as coisas se encontram no mundo. Se bem observarmos, uma

publicação científica periódica, como a *Terra Brasilis* ou qualquer outra das tantas existentes no Brasil e no exterior, compõe a cada edição uma coleção, uma reunião de textos afins – mesmo que a única afinidade seja o fato de os textos terem sido aprovados na revisão cega por pares e *selecionados* para compor um número da publicação.

- 7 A essa altura do editorial, se eu fui bem-sucedido em minha breve apresentação, o leitor já deve ter clareza da analogia entre uma das estranhas coleções do museu parisiense visitado por Calvino (2010) e os textos reunidos na *Terra Brasilis 13* sob o curioso título *Coleção de Areia*. Tal como na coleção de areia, que dispõe, lado a lado, e em pequenas ampolas de vidro, a areia fina da praia de Copacabana e os cascalhos da Ilha Lanzarote – para usar dois dos inumeráveis exemplos citados por Calvino (2010) –, este número da *Terra Brasilis* justapõe textos de conteúdo, abordagens, procedimentos e estilos bastante variados. Se, na coleção de areia, reúnem-se amostras de cores, origem sedimentar e granulometria distintas, na *Terra Brasilis 13* estão agrupadas contribuições cujas temáticas se estendem da organização espacial do centro do Rio de Janeiro no início do século XX às políticas de formação territorial do Espírito Santo em meados do mesmo século.
- 8 Surpreendeu-nos, ao cabo da pequena exposição feita nos parágrafos anteriores, a proximidade entre a coleção e uma das formas semânticas da semelhança na *epistémé* da Renascença – final do século XVI e início do XVII – discutidas por Michel Foucault (1926-1984) no livro *As palavras e as coisas. Uma arqueologia das ciências humanas* (publicado originalmente em 1966). Segundo Foucault (2000: 23), a *semelhança* ou a *similitude* desempenhavam um papel central na construção do saber ocidental na Renascença: “ela (...) permitiu o conhecimento das coisas visíveis e invisíveis, guiou a arte de representá-las”. A variedade de palavras para descrever a semelhança, afirma Foucault (2000), é mais um indício de sua importância na organização do conhecimento à época. O termo latino *convenientia* é uma dessas palavras utilizadas para formalizar a semelhança na Renascença. A *convenientia* designa “com mais força a vizinhança dos lugares que a similitude (...), [ela] é uma semelhança ligada ao espaço” (Foucault, 2000: 25). As coisas são “convenientes” umas às outras quando, ao se avizinham num mesmo quadro de relações ou num mesmo espaço, vêm a se assemelhar em um ou em outro aspecto. A *Terra Brasilis 13* é, assim, o espaço de relações entre textos que, ao se aproximarem uns dos outros numa mesma coleção, apresentam similitudes. Vejamos, agora, alguns objetos da coleção, com comentários sobre o parentesco ou as similitudes entre os textos que se avizinham nas páginas da revista.
- 9 Há quem, por devoção ou deslumbramento, se limite a repetir sem o necessário exame determinados conceitos, expressões e postulados teóricos de autores consagrados. Para citar apenas um exemplo eloquente, encontramos vocábulos e trechos dos livros de Milton Santos (1926-2001) reproduzidos *ad nauseam* em artigos, dissertações e teses de geógrafos de todo o Brasil – entre os quais podemos listar, sem pretensão de esgotamento, os seguintes: “horizontalidades”, “verticalidades”, “meio técnico-científico-informacional”, “formas-conteúdo”, “espaço como um conjunto indissociável de sistemas de objetos e sistemas de ações” (Santos, 1996) e “o espaço é uma acumulação desigual de tempos” (Santos, 1978a). É importante ressaltar, claro, que a simples presença dessas sentenças e termos não desabona automaticamente aqueles que os utilizam em seus textos. Aliás, a presença, em trabalhos científicos, de

conhecidos axiomas *miltonianos*, alguns dos quais citamos acima, constitui a base de um sem-número de pesquisas geográficas com atestada relevância.

- 10 No entanto, como escrevera o historiador Frédéric Barbier (2018: 15) sobre a palavra “biblioteca”, a “banalidade de determinados termos torna-os paradoxalmente mais transparentes: se todos acham que sabem o que é [algo] (...), é porque a palavra, empregada todos os dias e ‘sem pensar’, não parece mais colocar problemas”. Essa observação de Barbier (2018) sobre o esvaziamento conceitual de determinadas palavras aproxima-se, em muitos aspectos, das reflexões, publicadas aproximadamente oito décadas antes, do filósofo francês Gaston Bachelard (1884-1962). A partir de um conhecido trecho de *O pensamento e o movente*, livro de ensaios e conferências de Henri Bergson (2006: 212) – “Ora, nosso espírito tem uma irresistível tendência a considerar como mais clara a idéia [sic] que lhe serve mais frequentemente” –, escreve Bachelard (1996: 19) no capítulo inicial de *Formação do espírito científico - Contribuição para uma psicanálise do conhecimento*: “[h]ábitos intelectuais que foram úteis e sadios podem, com o tempo, entrar a pesquisa”.
- 11 Às causas de estagnação e regressão do espírito científico que prejudicam a pesquisa, entre elas a do uso contumaz de determinadas ideias, Bachelard (1996) deu o nome de *obstáculos epistemológicos*. Com o uso abusivo e a valorização progressiva de uma ideia que parece cada vez mais clara e inquestionável, “o instinto *formativo* acaba por ceder a vez ao instinto *conservativo*. Chega o momento em que o espírito prefere o que confirma seu saber àquilo que o contradiz, em que gosta mais de respostas do que de perguntas” (Bachelard, 1996: 19). Pode-se sem dúvida afirmar, com base no diagnóstico de Bachelard (1996) e Barbier (2018), que a estabilidade demasiada de algumas ideias científicas, admitidas por nós como proposições autoevidentes e inquestionáveis, pode ser um obstáculo à tarefa dos cientistas em explicar a variedade do mundo. Paradoxalmente, há, em contrapartida a essa afirmação, autores que se inspiram em ideias científicas amplamente conhecidas para propor interpretações e pesquisas originais. Esse é o caso, por exemplo, do artigo de abertura deste número da *Terra Brasilis*, assinado por Paulo Cesar da Costa Gomes.
- 12 Intitulado “Um edifício chamado *A Noite* - Sobre a potência de alguns objetos espaciais”, chama-nos atenção, no artigo de Paulo Cesar Gomes, a presença de uma ideia científica frequente nos textos de Milton Santos: *objetos espaciais*. Sob as rubricas *objeto espacial*, *objeto técnico* ou simplesmente *objeto*, Milton Santos (1996, 1997) erigiu boa parte de sua teoria geográfica do espaço. Essa teoria, como dissemos, foi mais frequentemente reproduzida do que analisada, em virtude, sobretudo, da *aura* de sacralidade que a investe. Aqui, se fizéssemos uma analogia à afirmação de Walter Benjamin (1892-1940) sobre a aura da obra de arte em seu conhecido ensaio *A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica* (Benjamin, 1987), a reprodução irrefletida de uma ideia científica parece reforçar, ao invés de erodir, suas supostas singularidade, autenticidade e perfectibilidade dignas de culto e sacralização. Como, se não a partir da simples reprodução, aproveitar ideias científicas de pesquisadores do passado sem, com isso, colocá-los em um pedestal de culto e devoção?
- 13 Apesar do conhecido papel dos *objetos* na teoria do espaço proposta por Milton Santos (1996), creio ser lícito afirmar que essa noção [a de objeto], levada ao limite por Paulo Cesar Gomes em seu texto na *Terra Brasilis* 13, não foi tão explorada empiricamente pelos geógrafos desde a publicação de *A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção*, em meados dos anos 1990. Com o termo *objeto*, Paulo Cesar Gomes, inspirado na

obra de Milton Santos (1996), não pretende designar qualquer coisa material que está posta diante de nós, mas antes fazer referência a um conjunto de “arranjos específicos entre a forma e a matéria” com “certo grau de fixidez e permanência”. Os objetos, escreve o autor, possuem uma autonomia relativa às “dinâmicas em que atuam”. A série de materiais – concreto armado, vidro, entre tantos outros – que compõe um edifício, por exemplo, perde sua autonomia para definir os contornos de um objeto espacial, o próprio edifício.

- 14 Como já notara Milton Santos (1996), não há objetos que sejam, em si, geográficos. Esses objetos, no entanto, se reunidos em uma superfície de relações (como a de uma cidade), configuram um *quadro composicional*. Seria possível, portanto, questionar: como a introdução de um objeto espacial pode transformar a composição geográfica de determinadas áreas de uma cidade? Para responder a essa pergunta tendo como referência uma configuração empírica, Paulo Cesar Gomes propõe uma análise composicional das transformações urbanas do Rio de Janeiro, sobretudo do centro da cidade, a partir da introdução do *Edifício Joseph Gire*, mais conhecido como *A Noite*, nos anos finais da década de 1920. Pode-se observar que, em sua análise do quadro composicional do centro do Rio de Janeiro, o autor aprofunda três noções discutidas em seu livro *Quadros Geográficos* (Gomes, 2017): 1) a localização, concebida como um “lugar preciso dentro de um sistema de referência, como (...) o sistema de coordenadas geográficas”; 2) a posição, que, segundo o autor, “diz respeito à localização reconhecida como as qualidades que aparecem quando se considera suas relações com o conjunto de outras localizações”; 3) a situação, cujo sentido “tem uma relação direta com as condições particulares do sítio onde algo está localizado”.
- 15 É o sistema de objetos, com as relações e fluxos que se estabelecem entre eles numa superfície, que Paulo Cesar Gomes descreve para evocar no leitor a sensação de que está pintando um *quadro*, cuja moldura limita a composição às áreas central e portuária do Rio de Janeiro no final dos anos 1920. Estou sintetizando neste editorial, talvez de forma um pouco grosseira, o instigante exercício de geografia urbana feito por Paulo Cesar Gomes, que traça, respaldado sobretudo por documentos cartográficos e hemerográficos, as transformações urbanas do centro da capital carioca ulteriores à implantação do *Edifício A Noite*. O que interessa à nossa argumentação neste editorial nem é tanto a situação examinada pelo autor no texto – o *Edifício A Noite*, as transformações urbanas e arquitetônicas do centro do Rio de Janeiro –, mas a clareza das palavras utilizadas para descrever uma configuração espacial pretérita. Tal configuração, soterrada por outros objetos, não nos aparece tão facilmente, senão nas apresentações gráficas e textuais que fazemos dela. Explicar-me-ei melhor com um exemplo literário.
- 16 Na Itália, em 1972, a editora Einaudi publicava, num pequeno volume com pouco mais de 100 páginas, um dos livros de ficção que alçaria seu autor, Italo Calvino, ao panteão dos escritores do século XX. É notável que esse livro, tão marcante na literatura italiana e que ocupará as próximas linhas de nosso editorial, tenha o fantástico título *As cidades invisíveis* (em italiano: *Le città invisibili*). O livro *As cidades invisíveis* (2020) é composto por descrições curtas de 55 cidades, intercaladas por diálogos entre as duas personagens, segundo 11 classes temáticas: as cidades e a memória; as cidades e o desejo; as cidades e os símbolos; as cidades delgadas; as cidades e as trocas; as cidades e os olhos; as cidades e o nome; as cidades e os mortos; as cidades e o céu; as cidades contínuas; as cidades ocultas. O enredo é simples. Uma das personagens, um fictício Marco Polo (1254-1324),

o famoso explorador e aventureiro veneziano, descreve as cidades que visitara ao imperador mongol Kublai Khan (1215-1294).

- 17 “*Cidades Invisíveis* não trata de cidades reconhecíveis”, afirma Calvino (1983: 37, tradução livre) em conferência proferida uma década depois do lançamento da referida obra. Há, nas descrições feitas por Marco Polo a Kublai Khan, o “Grande Khan dos Tártaros” (Calvino, 1983), cidades que se expandem em círculos concêntricos (Olinda), outras em forma de teia-de-aranha e suspensas sobre abismos profundos (Otávia) e, ainda, cidades que se erguem sobre altíssimas palafitas (Zenóbia). Reticuladas, tortuosas, filiformes, quaisquer sejam as configurações físicas das cidades descritas por Marco Polo, o que mais nos fascina é sua capacidade de exprimir com palavras “o mundo não escrito” – “feito de três dimensões, cinco sentidos, povoado por bilhões de nossos semelhantes” (Calvino, 2015: 105). Evidentemente, acautela Marco Polo ao Grande Khan, “jamais se deve confundir uma cidade com o discurso que a descreve. Contudo, existe uma ligação entre um e o outro” (Calvino, 2020: 59).
- 18 Tal como o imperador mongol do livro de Calvino (2020), os leitores da *Terra Brasilis*, em sua maioria, desconhecem as cidades (e os outros lugares) invisíveis descritas por Paulo Cesar Gomes e os demais autores deste número. Como descrever, sobretudo com palavras, “uma área maior do que pode ser vista de uma só vez” (Darby, 1962: 1)? Mais além ainda, como descrever paisagens e lugares do passado? Henry Clifford Darby (1962) sintetizou os princípios de tal problemática na famosa oposição, feita por Gotthold E. Lessing (1729-1781) no seu famoso *Laocoonte* (1766), entre a representação na pintura e na poesia: “‘O que os olhos veem em uma piscadela, o poeta registra-nos gradualmente com perceptível morosidade’. No último parágrafo, ele acrescenta que ‘elementos dispostos sucessivamente não podem ter o efeito que têm quando situados lado a lado’. E arremata: ‘a coexistência dos objetos físicos se choca com a continuidade do discurso’” (Darby, 2020). Para Gomes (2017), em oposição à afirmação de que a textualidade deteriora o caráter geográfico – e sincrônico – das descrições, basta observar como alguns livros compostos exclusivamente por texto, a exemplo do *Tableau de la géographie de la France* (Vidal de la Blache, 1903), transmitem progressivamente uma imagem dos cenários e configurações espaciais descritos.
- 19 O Rio de Janeiro, sobretudo da primeira metade do século XX, também é o cenário descrito no segundo artigo da *Terra Brasilis* 13. Nesse trabalho, apresentado em versão preliminar no V ENHPG e III ENGH (Viçosa, 2018), Rafael Gonçalves de Almeida se propõe a examinar a experiência de implantação dos Parques Proletários Provisórios, política pública que se iniciou na gestão de Henrique Dodsworth (1937-1945) com o objetivo de “erradicar a favela e ‘regenerar’ o favelado”. Em resumo, a partir da análise de alguns conceitos-chave – entre eles, é claro, os de *meio* e *degeneração* –, o autor deslinda as nuances do discurso médico-higienista [e sociológico] que orientou a concepção e organização espacial dos Parques Proletários Provisórios no Rio de Janeiro. Para Rafael de Almeida, desde o projeto dos Parques Provisórios, uma das primeiras políticas públicas brasileiras que tinham por objeto a favela e seus moradores, a perspectiva higienista permanece orientando as medidas de intervenção estatal em determinadas áreas da cidade.
- 20 É preciso fazer, outra vez, uma alusão ao livro *As cidades invisíveis*. No início, recém-chegado ao império e ignorante nas línguas do Levante, Marco Polo descrevia a Kublai Khan as cidades que visitara por intermédio de gestos, caretas, sons indiscerníveis ou mesmo extraindo os objetos guardados em seu alforje. “Com o passar do tempo, nas

narrativas de Marco Polo, as palavras foram substituindo os objetos e os gestos: no início, exclamações, nomes isolados; verbos secos; depois, torneios de palavras, discursos ramificados e frondosos, metáforas e imagens” (Calvino, 2020: 41-42). No entanto, “quando Polo começa a dizer como devia ser a vida naqueles lugares (...), as palavras escasseavam, e pouco a pouco voltava a fazer uso de gestos, caretas, olhares” (ibid.: 41-42). Nesse segundo momento, com o relato do narrador do livro *As cidades invisíveis*, vimos que não apenas as palavras alimentam as descrições das cidades feitas por Polo.

- 21 Interrompo novamente o comentário acerca das *Cidades Invisíveis* para apresentar ao leitor o texto escrito por Thiago Silvestre da Silva – outra contribuição originalmente exposta no V ENHPG e III ENGH (Viçosa, 2018) e editada na *Terra Brasilis* 13. A descrição feita por Thiago da Silva, cujo objeto é o Brasil e seu território na década de 1970, baseia-se num conjunto de fontes e materiais diferente daquele dos demais artigos deste número: não se trata mais da escavação de fontes hemerográficas e cartográficas, nem da codificação de material bibliográfico, mas da interpretação dos ícones impressos em três cédulas brasileiras do padrão monetário *Cruzeiro* (Cr\$). Quando somos impelidos a descrever uma cidade que visitamos, costumamos apresentar as formas arquitetônicas, os tipos de comportamentos, as vestimentas da população local e a maneira como os indivíduos se relacionam uns com os outros; cada uma dessas características, imaginamos, conta uma história do lugar visitado. Ora, ao utilizar as cédulas do *Cruzeiro* como uma janela para observar o Brasil e a construção da identidade nacional nos anos 1970, em plena ditadura militar (1964-1985), o intento de Thiago da Silva se assemelha ao do viajante que utiliza objetos para descrever os lugares visitados em seu périplo.
- 22 De certo modo, os dois artigos seguintes ao de Thiago da Silva, por tratarem do binômio urbanização-industrialização, compõem um panorama territorial de Minas Gerais nos séculos XVIII, XIX e XX. O primeiro deles, escrito por Alfredo Costa e Ralfo Edmundo Matos, propõe uma narrativa sintética dos períodos, processos e fatores de modernização do atual estado de Minas Gerais desde 1750. No segundo artigo, o autor, Higor Mozart Santos, ao examinar os periódicos mineiros no final do século XIX, identifica discursos que, a um só tempo, denunciavam a “letargia de um território onde tudo quedaria inerte” e “revelavam [um] horizonte esperançoso ao alimentarem a crença de que determinadas próteses técnicas fariam as Gerais despertar de seu estágio de dormência”.
- 23 Devo acrescentar que, embora o texto seguinte não seja sobre Minas Gerais, o autor também empreende uma análise dos discursos produzidos sobre o território – em específico, os pronunciamentos do político Jones dos Santos Neves (1901-1973) e os relatos de expedicionários do Conselho Nacional de Geografia do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (CNG-IBGE) ao vale do Rio Doce no trecho capixaba. Referimo-nos ao texto *Expedições geográficas e formação territorial no Espírito Santo (c. 1943)*, redigido por Carlo Eugênio Nogueira. No artigo subsequente ao de Carlo Nogueira, baseado em fontes textuais e cartográficas, David Ramírez Palacios reavalia o papel das viagens, explorações e projetos de Rafael Reyes (1849-1921) para a história territorial da região amazônica.
- 24 O discurso verbal apareceu até aqui, acima de tudo, como uma forma de acesso a quadros geográficos pretéritos – em específico, quadros da cidade do Rio de Janeiro e dos territórios de Minas Gerais e Espírito Santo. Contudo, no texto seguinte, Thomaz

Menezes Leite passou a avaliá-lo [o discurso verbal] de outra maneira. Em lugar de apenas uma forma de acesso a configurações espaciais *invisíveis*, para fazer outra vez uma analogia com o livro de Calvino (2020), e que não podemos observar *in loco*, Thomaz Menezes Leite elabora uma análise do discurso dos geógrafos sobre os limites da própria interpretação geográfica do passado. Pode-se afirmar, se estivermos de acordo com as conclusões de sua análise, que autores normalmente evocados para indicar uma suposta aversão dos geógrafos ao estudo do passado, como os franceses Jean Brunhes (1869-1930) e André Cholley (1886-1968), preocupavam-se mais em defender a autonomia e consolidação da geografia como uma ciência moderna do que propriamente em vetar o estudo do tempo pretérito na geografia.

- 25 Até aqui, mal falamos do “malsucedido dossiê ‘Geográfica Crítica’”. Em dezembro de 2018, no já mencionado V ENHPG e III ENGH (Viçosa, 2018), eu e outros dois editores da *Terra Brasilis*, Sergio Nunes Pereira e Breno Viotto Pedrosa, conversávamos sobre o aniversário de 40 anos do tão conhecido Encontro Nacional de Geógrafos (ENG), organizado pela Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), em Fortaleza. Tal evento e outras iniciativas, como a mitológica tradução *não-autorizada* do livro-manifesto de Yves Lacoste (2012) e do projeto “Seleção de Textos” da AGB-São Paulo, são alguns exemplos da circulação dos aportes teóricos marxistas e anarquistas na ciência geográfica produzida no Brasil. No ano seguinte a essa conversa entre os editores, em 2019, o próprio Breno Viotto Pedrosa formalizou a proposta de um Dossiê Temático com o objetivo de reunir pesquisas que elucidassem aspectos da história da geografia crítica, sobretudo a brasileira.
- 26 Por que, até aqui, atribuímos o adjetivo *malsucedido* ao dossiê? Entre as poucas submissões a esse dossiê, intitulado “Geografia crítica no Brasil: história e implicações no campo disciplinar”, apenas um texto foi aprovado: *A geografia ativa - Um legado crítico para a geografia brasileira*. Com esse estudo, a autora, Elisa Favaro Verdi, elabora uma consistente interpretação da relevância do geógrafo francês Pierre George (1909-2006), e de seu livro “A Geografia Ativa” (George, 1973), à “conciliação entre a análise regional e o instrumental conceitual do materialismo histórico”. Uma das conclusões mais notáveis da pesquisa de Elisa Verdi, e que entra em conflito com outras interpretações, é o importante papel jogado por outros personagens, como Pierre George, nas histórias que contamos do chamado momento de *renovação da geografia no Brasil* nas décadas de 1970 e 1980.
- 27 Depois de anunciar as contribuições da seção inaugural da *Terra Brasilis* 13, que agrupa todos os artigos, resta apresentar-lhes aquelas compiladas nas seções *Clássicos e textos de referência*, *Documentos*, *mapas e imagens* e *Resenhas*. Permitam-me, novamente, iniciar tal apresentação com algumas espirituosas observações do escritor Italo Calvino, a quem já recorri outras vezes neste editorial, sobre a tradução: “Entre os romances, assim como entre os vinhos, há aqueles que viajam bem e outros que viajam mal (...). Quanto aos romances, viajar bem ou mal pode depender de questões de conteúdo ou de questões de forma, isto é, de linguagem” (Calvino, 2015: 79). Numa outra passagem, ele esmiúça a analogia entre os itinerários do romance e do vinho: “Uma coisa é beber um vinho na localidade de sua produção”, escreve Calvino (Ibid.: 79), “outra é bebê-lo a milhares de quilômetros de distância”.
- 28 É fascinante perceber que, como os vinhos, cujo gosto não é o mesmo em qualquer lugar, os textos – e seus significados – também são sensíveis às viagens e ao deslocamento linguístico. Vejamos um exemplo. Seria falaciosa, para Calvino (2015: 79), a afirmativa

de que os romances italianos de teor local, sobretudo “onde são descritos locais que podem ser visitados e onde é celebrada a vitalidade italiana segundo a imagem que se tem dela no exterior”, seriam mais atraentes ao público estrangeiro. Imagino, tal como Calvino (2015), que os leitores, mesmo às vezes versados noutros idiomas, frequentemente ficarão alheios aos detalhes localistas que dão cor a romances estrangeiros. Com isso, é óbvio, não quero insinuar que devamos nos enfeudar em nossos particularismos e desconhecer o *outro*. Mas, para retomar a analogia de Calvino (2015), é compreensível que o público não tenha conhecimentos específicos para avaliar o gosto dos vinhos e o significado dos textos que lhe chegam de tão longe.

- 29 Se, já dissemos, enfeudar-se em suas próprias cercanias não é uma opção desejável, como podemos recepcionar textos que atravessaram quilômetros e estruturas idiomáticas até nos encontrarem? Em princípio, e sob o ponto de vista linguístico, os textos “atravessam as fronteiras” (Calvino, 2015: 79) quando são traduzidos e ganham forma em outro idioma. A tradução, talvez, aproxima-se mais da recriação que do decalque literal de um texto a uma língua estrangeira (Calvino, 2015). De fato, como resume Calvino (2015), há pelo menos duas estratégias para aperfeiçoar uma tradução: 1) a colaboração entre o autor e o tradutor, que não se resume simplesmente à revisão linguística; 2) revisão da tradução, com o cotejamento frase a frase entre as versões no idioma original e no de destino, por um editor. Em nosso caso, das três traduções publicadas na *Terra Brasilis* 13, dois autores já são falecidos e não existe mais a possibilidade de discutir as novas versões.
- 30 Nessa situação, em que não há diálogo entre o tradutor e o autor do texto traduzido, é de suma importância que adotemos outras estratégias editoriais para facilitar o encontro do público com o texto. Em outras palavras, para viajar bem – e, por consequência, ser bem recebido em seu novo destino –, o texto precisa estar bem acompanhado. A exemplo do que é tipicamente feito na *Terra Brasilis* e noutras publicações geográficas de destaque no Brasil, como a revista *GEOgraphia* (Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense), as traduções de textos escritos por autores falecidos virão acompanhadas de pequenos comentários. Mas, devo acrescentar, o papel do comentarista da tradução se assemelha àquele do *sommelier*, que identifica as principais características do vinho e apresenta algumas opções de harmonização. A leitura dos comentários, embora desejável, não substitui a apreciação da tradução. Também optamos por acrescentar, quando necessário, notas explicativas para esclarecer determinadas passagens e vocábulos incomuns.
- 31 Há, neste número da *Terra Brasilis*, traduções de dois textos distribuídas, respectivamente, nas seções Clássicos e textos de referência e Documentos, mapas e imagens: 1) *Revolution and Evolution* (Metchnikoff, 1886); 2) *Rêve et cauchemar : problèmes spatiaux de la transition au socialisme, le cas de la Tanzanie* (Santos, 1978b). O primeiro texto, escrito pelo geógrafo anarquista Léon Metchnikoff (1838-1888), foi originalmente publicado nas páginas da revista *The Contemporary Review*, periódico britânico que reunia ensaios de intelectuais sobre temas candentes na segunda metade do século XIX. Essa contribuição de Metchnikoff (1886) à revista *The Contemporary Review*, intitulada *Revolução e Evolução*, teve sua primeira versão editada em 1886 – década na qual o autor, residente na Suíça desde 1865, fazia parte de uma rede de intelectuais revolucionários que colaboravam com a preparação da *Nova Geografia Universal* de Elisée Reclus (1830-1905) e de teorias geográficas no seio do anarquismo

(Ferretti, 2013; Ferretti, 2018). Como sabemos, desde pelo menos as publicações de Stoddart (1966) e Berdoulay e Soubeyran (1991), a assimilação do evolucionismo na ciência geográfica transcorreu de modo descontínuo e multifacetado. É possível depreender, segundo Federico Ferretti, autor do comentário introdutório à tradução do texto de Metchnikoff (1886), o papel de Léon Metchnikoff, Piotr Kropotkin (1842-1921) e Elisée Reclus na defesa do argumento de que “solidariedade, cooperação e ajuda mútua constituem fatores da evolução”.

- 32 Sublinhei, em parágrafos anteriores, o fato de que determinados termos, conceitos e axiomas da obra de Milton Santos são reproduzidos exhaustivamente pelo público geográfico brasileiro. Convém ressaltar, contudo, que a lembrança exagerada e o esquecimento (deliberado ou não) são faces de uma mesma moeda. É totalmente pertinente a afirmação de Umberto Eco (2010) sobre a *memória* e suas funções: “A memória tem duas funções. Uma, e é nela que todos pensam, é a de reter na lembrança os dados de nossa experiência precedente; mas a outra é também de filtrá-los, de descartar alguns e conservar outros”. A referência à memória e ao esquecimento não é casual, pois a segunda tradução deste número da *Terra Brasilis*, editada sob o título *Sonho e pesadelo - Os problemas espaciais da transição ao socialismo no caso da Tanzânia*, será republicada com o objetivo de rememorar objetos de pesquisas, temas e outros aspectos da trajetória profissional de Milton Santos.
- 33 Na segunda contribuição da seção *Documentos, mapas e imagens*, apresentada aqui no original em inglês e em versão traduzida para o português, Chet van Duzer, com suas costumeiras simplicidade e delicadeza na análise dos documentos, dedica algumas páginas para discutir a atribuição de um mapa anônimo da Colônia de Sacramento – território disputado pelos Impérios Coloniais Português e Espanhol – ao cartógrafo e engenheiro-militar português José Joaquim da Rocha (c. 1740-1807). O referido mapa anônimo, que está depositado na Biblioteca Pública Municipal do Porto, tem o seguinte título: *Mappa do Continente da Colonia do Sacramento, R^a. Grande de S. Pedro the a Ilha de S. Catharina com a Linha divizoria da Arraya ajust[ada pelo] Tratado de Limites Celebrad[o entre a]s Corôas de Portugal, e Cas[tela n]o anno de MDCC[L]. Nota que a linha de pontos preto[s den]ota caminhos, e a dos encarnados a divizoria* (c. 1750).
- 34 O método de análise de Chet van Duzer, baseado principalmente na comparação entre elementos iconográficos do mapa de autoria desconhecida e dos mapas do acervo cartográfico já atribuído a José Joaquim da Rocha, se assemelha bastante àquele sistematizado por John Brian Harley (1932-1991) no final dos anos 1960. Refiro-me a um pequeno artigo metodológico publicado por Harley (1968) no periódico *Imago Mundi - The International Journal for the History of Cartography*. Nesse artigo, em amplo contraste com a tendência desconstrucionista adotada por Harley (1988, 1989) nas décadas seguintes, há um esquema sintético de orientações metodológicas para a interpretação dos mapas como fontes de evidência histórica, entre as quais podemos citar: 1) datação e identificação da autoria do documento cartográfico a partir de testes físicos, detecção de marcas d'água, paleografia e estilo cartográfico; 2) testes matemáticos e topográficos para avaliar a validade da representação de uma área particular da superfície terrestre; 3) análise comparativa de toponímias e contornos das formas representadas em uma série de mapas.
- 35 Engana-se, porém, quem reconhece no trabalho de Chet van Duzer as mesmas limitações das tão criticadas abordagens *empiricistas* da história da cartografia (Edney, 1993; Edney, 1996). Ora, é verdade que os elementos iconográficos estão no cerne da

interpretação elaborada pelo autor, e isso inclui também a caligrafia, mas a desconhecida história do mapa anônimo compõe-se de uma série de personagens inesperadas: oficinas cartográficas e tipografias, ilustradores, gravadores, assistentes e, até mesmo, traços da biografia do cartógrafo.

- 36 Para darmos continuidade à exposição de nossa coleção, que, tal como uma coleção de areia, expõe numa mesma vitrine amostras com conteúdo tão variado, é necessário apresentar a seção *Resenhas da Terra Brasilis 13*. Gonzalo Lus Bietti, em sua resenha do livro organizado por Andrés Nuñez, Enrique Aliste e Raúl Molina (2019), três pesquisadores chilenos, convoca-nos a dar continuidade a esse movimento de redescoberta de *outras tradições geográficas* (Ferretti, 2019). Nós escrevemos, ainda no editorial da *Terra Brasilis 12* (publicada em dezembro de 2019), o tripé que dá sustentação à noção de *outras tradições geográficas*, apresentada ao público geográfico por Ferretti (2019): 1) “reconhecimento das histórias de produção de geografias críticas, radicais, feministas, heterodoxas e anarquistas antes que tais definições fossem incorporadas aos cânones profissionais e disciplinares da ciência geográfica”; 2) “a inclusão de geografias do Sul Global, que, sem dúvida, apresentam desafios linguísticos e culturais à estrutura convencional (e dominante) da produção acadêmica anglofônica”; 3) “o florescimento de histórias da geografia escritas por estudiosos do Sul Global sobre intelectuais clássicos do Norte Global” (Gomes, 2019: s/p).
- 37 Embora não tenhamos mais espaço para pormenorizar qualquer analogia, para pôr fim a esta longa exposição, é oportuno mencionar um dos mais conhecidos dispositivos de colecionismo na Europa da Renascença: os gabinetes de curiosidades ou salas de maravilhas (Figura 1) – comumente denominados com as expressões *kunstkammern* (dinamarquês) e *cabinets de curiosités* (francês). A expressão *gabinete de curiosidades* designa tanto uma sala, na qual eram reunidos fósseis, conchas, animais, instrumentos científicos, livros, pinturas e outras tantas *curiosidades*, quanto uma peça de mobília também com o objetivo de agrupar esses mesmos objetos *maravilhosos*. “A disposição dos vários objetos em uma sala – alguns dispostos numa mesa – davam ao espectador a oportunidade de relacionar os objetos individuais uns aos outros visualmente e traçar conexões entre eles” (Müsch, 2017: 13, tradução livre). Direi, em paralelo, que este é o papel do editorial da *Terra Brasilis 13* (Coleção de Areia): organizar a coleção de textos e dispô-la ao público de forma ordenada. Cabe ao leitor, por seu turno, tornar-se independente da ordem aqui sugerida, selecionar os textos que lhe parecem *convenientes* e estabelecer novas conexões entre eles.

Figura 1. Museum Wormiani Historia (1655)

Fonte: Wellcome Collection, London. Disponível em: <<https://wellcomecollection.org/works/mzvgyzbt>>.

BIBLIOGRAFIA

- Bachelard, Gaston (1996). *A formação do espírito científico*. Contribuição para uma psicanálise do conhecimento. 5. reimpr. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Barbier, Frédéric (2018). *História das Bibliotecas*. De Alexandria às bibliotecas virtuais. 1. ed. Tradução de Regina Salgado Campos. São Paulo: EdUSP.
- Benjamin, Walter (1987). *Obras Escolhidas II*. Rua de Mão Única. Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filhos e José Carlos Martins Barbosa. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Benjamin, Walter (2009). *Passagens*. 2. reimpr. Tradução de Irene Aron e Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo.
- Berdoulay, Vincent; Soubeyran, Olivier (1991). "Lamarck, Darwin et Vidal : aux fondements naturalistes de la géographie humaine". *Annales de Géographie*, n. 561/562, n. du centenaire, pp. 617-634.
- Bergson, Henri (2006). *O pensamento e o movimento*. 1. ed. Tradução de Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes.

- Calvino, Italo (2020). *As cidades invisíveis*. Tradução de Diogo Mainardi. 2. ed. 24. reimpr. São Paulo: Companhia das Letras.
- Calvino, Italo (1983). "Italo Calvino on 'Invisible Cities'". *Columbia: A Journal of Literatura and Art*, n. 8, pp. 37-42.
- Calvino, Italo (2010). *Coleção de Areia*. 1. ed. Tradução de Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras.
- Calvino, Italo (2015). *Mundo escrito e mundo não escrito – Artigos, conferências e entrevistas*. 1.ed. Tradução de Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras.
- Darby, Henry Clifford (1962). "The Problem of Geographical Description". *Transactions and Papers (Institute of British Geographers)*, n. 30, pp. 1-14.
- Darby, Henry Clifford (2020). "O problema da descrição geográfica". *Confins. Revista Franco-brasileira de Geografia*, n. 44, s/p.
- Eco, Umberto (2010). *A Memória Vegetal e outros estudos sobre bibliofilia*. Tradução de Joana Angélica d'Ávila. Rio de Janeiro, São Paulo: Editora Record.
- Edney, Matthew (1993). "Cartography without 'progress': reinterpreting the nature and historical development of mapmaking". *Cartographica*, v. 30, n. 2-3, pp. 54-68.
- Edney, Matthew (1996). "Theory and the History of Cartography"; *Imago Mundi - The International Journal for the History of Cartography*, v. 48, pp. 185-191.
- Ferretti, Federico (2013). "'Eles têm o direito de expulsar-nos': a Nova Geografia Universal de Élisée Reclus". *Espaço e Economia, Revista Brasileira de Geografia Econômica*, n. 3. Disponível em: <https://journals.openedition.org/espacoeconomia/513>
- Ferretti, Federico (2018). "Evolução e revolução: os geógrafos anarquistas Elisée Reclus e Pëtr Kropotkin e sua relação com a ciência moderna, séculos XIX e XX". *História, Ciências, Saúde-Manguinhos*, v. 25, n. 2, pp. 1-16.
- Ferretti, Federico (2019). "Rediscovering other geographical traditions". *Geography Compass*, v. 13, n. 3, pp. 1-15.
- Foucault, Michel (2000). *As palavras e as coisas*. Uma arqueologia das ciências humanas. 8. ed. Tradução de Salma Tannus Muchail. São Paulo: Martins Fontes.
- George, Pierre (1973). *A geografia ativa*. Tradução de Gil Toledo. São Paulo: Difusão Europeia do Livro.
- Gomes, Paulo Cesar da Costa (2017). *Quadros Geográficos*. Uma forma de ver, uma forma de pensar. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Gomes, Rafael Augusto Andrade (2019). "Modos de escrever histórias. América Latina, Sul Global e outras tradições geográficas". *Terra Brasilis, Revista da Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica*, n. 12, s/p.
- Harley, Brian John (1968). "The study of early maps: Methodology". *Imago Mundi - The International Journal for the History of Cartography*, v. 22, n. 1, pp. 62-74.
- Harley, Brian John (1988). "Maps, knowledge, and power". In: Cosgrove, Denis; Daniels, Stephen. *The Iconography of Landscape*. Essays on the symbolic representation, design and use of past environments. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 277-312.
- Harley, Brian John (1989). "Deconstructing the Map". *Cartographica*, v. 26, n. 2, pp. 1-20.

Lacoste, Yves (2012). *A geografia – Isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. 19. ed. Tradução de Maria Cecília França. Campinas, SP: Papirus.

Metchnikoff, Léon (1886). “Revolution and Evolution”. *The Contemporary Review*, n. 50, 1886, pp. 412-437.

Müsch, Irmgard (2017). “Albertus Seba’s collection of natural specimens and its pictorial inventory”. In: Seba, Albertus. *Cabinet of Natural Curiosities*. The Complete Plates in Colour. 1734-1765. Colônia: Taschen Books.

Núñez, Andrés; Aliste, Enrique; Molina, Raúl (Org.) (2019). *(Las) Otras Geografías en Chile*. Perspectivas sociales y enfoques críticos. Santiago de Chile: LOM Ediciones.

Santos, Milton (1978a). *Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica*. São Paulo: Hucitec.

Santos, Milton (1978b). “Rêve et cauchemar: problèmes spatiaux de la transition au socialisme: le cas de la Tanzanie”. *Tiers Monde*, v. 19, n. 75, pp. 563-572.

Santos, Milton (1996). *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec.

Santos, Milton (1997). *Espaço e método*. 4. ed. São Paulo: Nobel.

Stoddart, David (1966). “Darwin’s impact on geography”. *Annals of the Association of American Geographers*, v. 56, 4, pp. 683-698.

Vidal de la Blache, Paul (1903). *Tableau de la géographie de la France*. In: Lavis, Ernest. *Histoire de la France depuis les origines jusqu’à la Révolution*. Paris: Librairie Hachette.

NOTAS

1. A sigla COVID-19, utilizada para designar a doença causada pelo SARS-CoV-2, é a abreviação da expressão *Coronavirus Disease 2019* – em português: Doença do coronavírus 2019.
2. A sigla SARS-CoV-2 é a abreviação da expressão, em inglês, *Severe acute respiratory syndrome coronavirus 2* – em português: coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2.

AUTOR

RAFAEL AUGUSTO ANDRADE GOMES

Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Editor Adjunto da Terra Brasilis
rafagomesgeo@gmail.com